

Na outra manhã, as pessoas a quem o jardim pertencia voltaram. Uma mocinha abriu a grade e correu para o canteiro de flores.

- Elas já estão florescendo, elas já estão florescendo! - ela jubilava, inspirou profundamente seu perfume e começou a colher um pequeno buquê. Então, notou o repolho e riu.

-Olhe, Fritz, um repolho no meio das violetas!, chamou ela um homem magro, que também entrou no jardim.

-Me dê seu canivete, eu vou cortá-lo. Porém ele disse:

-Primeiro um beijo, Rose, depois você pega a faca. A moça o beijou, e seus olhos sorriram.

O repolho, contudo, berrava:

- Eu ainda quero crescer, eu ainda não estou gordo o suficiente, vocês não percebem que eu ainda não estou gordo o suficiente? E ser gordo é o principal.

Mas ambos não entendiam a língua dos repolhos, assim, logo ele foi cortado.

A moça apanhou ainda mais violetas, algumas para seu amado e outras para a mãe doente, que permanecia sentada no andar de cima, com mãos pálidas, em uma cadeira junto à janela. Então, o quarto inteiro se perfumou, e olhos da senhora reluziam.

Vocês querem saber onde o repolho foi parar? A cabra o comeu e, se não fosse tão tola, poderia ela mesma contar para vocês!

Tradução de Vinícius Heinrichs

Natal na despensa

Embaixo da soleira da porta tinha um pequeno buraco. Atrás dele estava o rato Kiek, esperando. Ele esperou até o patrão da casa tirar as botas e dar corda no relógio; e esperou até a mãe colocar ao cestinha com chaves sobre o criado mudo e cobrir mais uma vez os filhos que já estavam dormindo. Ele ainda esperou até que a escuridão e o silêncio reinassem na casa. Então ele partiu.

Logo havia vida na despensa. O rato Kiek havia avisado toda família de ratos. Então veio Miek, a mamãe rato com os cinco filhotes; o tio Cinzento e a tia Felpuda também compareceram.

De cima da última prateleira o rato Kiek disse silenciosamente para Miek, enquanto distribuía pedacinhos de pavê:

-Mulher, aqui tem algo para as crianças, é macio e doce.

-Vem aqui, Cinzento, guinchou a tia Felpuda olhando atrás do tonel de farinha, aqui tem ganso assado, e te digo que está excelente, ideal para encher o bucho, crocante como casca de nozes.

Mas o Cinzento estava sentado no novo caixote, roendo o pão de mel, sem prestar atenção em mais nada. Os ratinhos estavam fazendo zoeira na caixa de areia enquanto ganhavam pedaços de pavê.

-Pai!, chamou o maior, -meus dentes já estão bem afiados e eu prefiro roer algo; roer soa tão mais bonito.

-Sim, nós também queremos roer, pavê é muito pastoso, disseram todos os ratinhos. Logo em seguida já estavam com o pão de mel e com o ganso assado.

-Cuidado com o estômago!, gritou Felpuda, com medo que não sobrasse nada para ela. -Comer demais pode até matar!

Os ratinhos olharam assustados para a tia, eles não queriam morrer de modo algum, isso deve ser horrível! O pai Kiek os tranquilizava e contava a história de Gottlieb e a pequena Lene, que estavam deitados em suas camas

As gralhas

abraçados num cavalinho de madeira e uma boneca; e contou que na sala estava uma imponente árvore com luzes e enfeites piscantes; também contou que a casa toda tinha um aroma maravilhoso de bolo fresco, mas que estava guardado dentro da cristaleira onde não se podia alcançar.

-Ah, - exclamou Felpuda- não conte tanto, melhor deixar as crianças comerem.

Mas eles riram da tia barriguda e queriam saber ainda mais, mais do que sabia o bom rato Kiek. Por último eles insistiram que também queriam uma árvore de Natal, e os carinhosos pais realmente foram até a cozinha e trouxeram arrastando um galho que tinha sido cortado do grande pinheiro. Foi uma grande alegria! Os ratinhos guinchavam encantados e começaram a roer a madeira verde do galho de pinheiro; mas tinha um gosto repugnante de resina, então eles desistiram e preferiram brincar entre os ramos do galho. Em seguida eles transformaram toda a despensa em parque de diversões. Corriam prá lá e para cá, caminhavam só com as patas de trás, espiavam curiosos por sobre as prateleiras, em todos os ângulos e brincavam de esconder atrás das caixas de legumes e conservas. Também, o que eles iam fazer com aquele galho bobo que nem tinha nada para comer! Mas quando o menorzinho caiu no pote de geléia de ameixa e teve de ser lambido pela mãe Miek e pelo tio Cinzento, foi dado um fim em toda essa algazarra e eles tiveram de voltar a roer o pão de mel.

Na manhã seguinte a velha cozinheira, balançando a cabeça, encontrou o galho de pinheiro na despensa, além de muitos farelos e algo mais, que não necessariamente pertence à despensa. Vocês podem muito bem imaginar o quê! Quando Gottfried e Lene foram à cozinha dar bom dia para a velha Marie, ela mostrou a surpresa e pensou:

-Eles também festejaram um Natal com gosto!

Mas as crianças cochichavam e riam enquanto buscavam um vaso de planta. Eles plantaram o galho e enfeitaram com doces, nozes quebradas, bolo de mel e pedaços de bacon. A velha Marie resmungava, mas como a mãe observava tudo sorridente, ela acabou cedendo. Ela guardou tudo em segurança e deixou o pinheiro de Natal para as criaturinhas roedoras.

As crianças aplaudiram no dia seguinte, ao encontrar a árvore dos roedores saqueada e desejaram ter ouvido um obrigado do pequeno povo. Mas estes estavam embaixo da soleira da porta e digeriam.

-Aquele bacon eu nunca vou esquecer, dizia Felpuda e Cinzento mordida uma avelã que tinha recolhido. Kiek e Miek estavam, porém, ocupados com seus pequenos. Eles tinham comido pão de mel demais e, vocês sabem, queridas crianças, que isto não faz bem!

Tradução de Cristiano Kunst

Entre as gralhas foi programada uma grande assembléia. Um mensageiro do Conselho dos Anciões tinha convidado todas as gralhas adultas para o jardim do castelo. Uma cabana isolada e quase em ruínas deveria ser o ponto do encontro.

O inverno foi extremamente frio, uma capa grossa de neve cobria a terra. Foi uma temporada dura para todos os seres vivos e para os pássaros em especial. Por essa razão, o Conselho dos Anciões tinha convocado a assembléia. Na hora marcada, as gralhas apareceram em grandes bandos; a fome e o tédio; a miséria e a curiosidade as tinham levado para lá. Havia gralhas cinza e pretas, pesadas e graciosas, as gralhas jovens de bicos amarelos e as bisavós de grande experiência. Todas se acomodaram ansiosas em volta da velha cabana.

Uma gralha cabeçuda tomou a palavra.

-Meus caros amigos, grasnava ela; vocês conhecem a miséria que nos trouxe até aqui. Nessas épocas difíceis, não conseguimos encontrar nosso pão de cada dia e alguns já morreram de fome em nossos campos. Muitas de nós estão tão fracas que quase já não podem voar. A culpada é a neve, esta praga do céu que não tem outro objetivo senão complicar a vida das gralhas. Se ela não existisse, seria possível encontrar o necessário.

- Durante muitas noites sem dormir, eu me dei conta disso e decidi fazer a seguinte proposta: Devemos levar a neve embora e deixar a terra livre; todos devem trabalhar juntos nessa tarefa que irá salvar a nós todos. Vocês estão de acordo com isso?

-Sim, estamos, estamos, gritava o povo dos pássaros, grasnando ansiosamente; apenas uma única voz perguntou:

-Mas como?

- É o que vocês vão escutar agora, dizia a gralha sábia, enquanto limpava o